

RODRIGUES, Daniella Lopes Dias Ignácio. **Escrita de pesquisa e para a pesquisa**. Belo Horizonte: Editora Puc Minas, 2018. 80 p.

Juliane Ferraz Oliveira*

Em **Escrita de pesquisa e para a pesquisa**, Daniella Lopes Dias Ignácio Rodrigues se propõe a investigar o ensino-aprendizagem da escrita em âmbito acadêmico. A autora, preocupada em repensar as produções científicas brasileiras, se inscreve em um campo de conhecimento no qual os pesquisadores têm como objetivo principal refletir sobre as práticas de escrita na esfera das atividades. (Cf. SOARES, 2003; ASSIS, 2015; DELCAMBRE; LAHANIER-REUTER, 2015; FLOTTUM; VOLD, 2015; KLEIMAN; ASSIS, 2016).

Rodrigues não intenta produzir um manual recheado de prescrições normativas que visem, quase que exclusivamente, à reprodução de regras aplicáveis no processo de escrita. Ao contrário, a autora propõe a saída da lógica predominantemente tecnicista, que nos torna, em última instância, mais “copiadores de regras” do que produtores de conhecimento/pesquisadores, e nos convoca a não ver a escrita como um processo passivo, questionando, assim, o uso da forma pela forma nas produções escritas na esfera acadêmico-científica.

Fruto de discussões sobre questões básicas da escrita de pesquisa, o livro **Escrita de pesquisa e para a pesquisa** é composto por cinco capítulos, cujos títulos são: “Para início de conversa”; “O valor da argumentação nos textos acadêmico-científicos”; “O funcionamento da citação”; “Posicionamentos autorais”; e “Exercícios de aplicação”. Esses capítulos demonstram um percurso coerente em relação à construção da escrita no contexto das interações estabelecidas no universo acadêmico, introduzindo, de forma clara e paulatina, o leitor às estratégias subjacentes ao processo de escrita de um texto acadêmico-científico.

Além da estrutura capitular separada por temáticas concernentes à escrita científica de fato, há, na obra, outros quatro elementos paratextuais, o “Prefácio”; as “Referências”; a “Bibliografia complementar comentada”; e a aba “Sobre a autora”, que compõem um fio condutor na experiência do leitor com o livro. Desde o “Prefácio”, lugar no qual o leitor encontrará expectativas das possíveis discussões a serem encontradas no corpo do texto, até o “Sobre a autora”, parte em que encontrará algumas informações biográficas acerca da trajetória intelectual dela, aquele que lê consegue construir um todo significativo frente à estrutura proposta na elaboração do livro.

O livro foi construído de forma muito didática, o que fica evidenciado por meio do uso de exemplos no processo de ilustração dos argumentos defendidos pela pesquisadora. Em todos os capítulos, Rodrigues complementa sua construção teórico-argumentativa com a disposição e análise de trechos extraídos de textos científicos. Essa estratégia discursiva torna fácil e palatável o ingresso na obra de um leitor principiante nos assuntos de pesquisa e, ao mesmo tempo, produtiva e persuasiva a entrada de um leitor mais experiente.

O capítulo que inicia as reflexões acerca da escrita de pesquisa tem como título “Para início de conversa.” No âmbito da discussão nele empreendida, está a concepção de escrita como prática social. Dessa maneira, a compreensão do trabalho de escrita no âmbito da produção científica passa a ser concebida como um processo, não como um produto. Isso implica pensar as interações sociais estruturadas discursivamente no contexto da academia como constituintes do processo de produção escrita no meio científico.

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Doutoranda em Letras – Linguística e Língua Portuguesa pelo Programa de Pós-Graduação em Letras. Bolsista Capes.

Por compreender a escrita como uma atividade que nasce de práticas discursivas, a autora rompe com a lógica da escrita como algo passivo, reprodução tecnicista de regras formais, e passa a entender a tarefa de escrever como um processo ativo que implica a efetiva atuação daquele que escreve, a partir de movimentos reflexivos, interlocutivos, analíticos e argumentativos na construção da pesquisa.

Ainda no mesmo capítulo, a autora traz para dialogar consigo Bazerman (2005; 2015), que, com as noções de sistema de gêneros e sistema de atividades, corrobora sua visão de escrita não como um fim em si mesmo, mas como parte integrante da construção de uma pesquisa que se organiza em forma de gêneros no seio de um sistema de atividades.

Rodrigues nos convida a olhar, primeiramente, para as vivências dos sujeitos envolvidos em práticas de escrita e, só depois, a identificar e significar as projeções textuais desses sujeitos. Mais adiante, a pesquisadora, recorrendo novamente a definições desenvolvidas por Bazerman (2005, p.34), propõe que priorizemos “o que as pessoas fazem e como os textos ajudam as pessoas a fazê-lo, em vez de focalizar os textos como fins em si mesmos”. Nesse sentido, todo processo de escrita deve estar ancorado em objetivos muito claros.

Por fim, a pesquisadora estabelece diálogo com Delcambre e Lahanier-Reuter (2010), estruturando parâmetros acerca dos tipos de escrita que integram a esfera acadêmica em sentido lato e estrito. Tais parâmetros ajudam a identificar e compreender os diversos fenômenos linguageiros que são postos em ação no momento da escrita acadêmico-científica.

Nesse capítulo, ficam claros os objetivos adotados pela autora no processo de composição da obra em questão, além de mobilizar importantes definições sobre o campo de pesquisa no qual ela se inscreve. Por tais motivos, conseguimos perceber que Rodrigues não intenta produzir um livro com regras prescritivas a serem aplicadas no processo de escrita, e isso se dá pelo fato de a pesquisadora conceber a escrita como uma prática social interativa estruturada por meio do discurso.

O capítulo subsequente, “O valor da argumentação nos textos acadêmico-científicos”, é introduzido a partir da delimitação do campo de pesquisa ao qual a pesquisadora se inscreve, o da Análise do Discurso. Para isso, a autora ancora sua escrita na defesa de que todo discurso é ideológico e, conseqüentemente, rompe com a ideia de neutralidade discursiva no âmbito acadêmico-científico. Nesse sentido, a escrita científica satisfaz a determinadas intenções, tanto do autor quanto do campo de conhecimento ao qual este se filia, e, como tal, não pode ser neutra, pois sempre quer agir sobre determinado público. A objetividade científica é, então, compreendida em uma perspectiva de efeito de sentido possível e não como uma característica/qualidade inerente ao próprio texto.

Rodrigues afirma que o trabalho de escrita em contexto acadêmico é marcado por processos argumentativos, assim, estratégias argumentativas vão se evidenciando na composição do texto científico por meio de recursos diversos. A ilustração e a reformulação são dois deles. A ilustração, de acordo com o ponto de vista adotado pela autora, a partir do conceito de papel social e comunicativo do cientista (BAZERMAN, 2006), caracteriza-se como uma estratégia que amplia a capacidade de persuasão do escrevente, pois, por meio de exemplos, consegue comprovar aquilo que defende como argumento principal. Já a reformulação funciona como uma paráfrase, na qual quem escreve insere sua própria voz no texto, colocando-se em diálogo com o autor citado. (DELCAMBRE; LAHANIER-REUTER, 2015).

A partir desse ponto de vista, Rodrigues defende que, ao escrever um texto científico, o autor argumenta em prol de seu ponto de vista em todas as etapas de construção da escrita. Dessa maneira, a pesquisadora enfatiza que o processo argumentativo não acontece apenas nos capítulos de análise, mas em todas as fases da construção de um trabalho.

Com o intuito de que os leitores compreendam a estrutura de um texto argumentativo, a partir da perspectiva discursiva, Rodrigues utiliza a definição de Charaudeau (2008), explicitando quatro elementos básicos sem os quais a argumentação não se faz possível, são eles: interlocutor;

problematização; posicionamento; e prova. Para Charaudeau (2008), o peso de um argumento está ligado à legitimidade que é dada a esse saber pelos interlocutores de quem escreve, nesse caso, pela comunidade acadêmico-científica na qual este se insere.

Outros fatos linguísticos que são, nessa perspectiva, compreendidos como estratégias discursivas adotadas em favor da argumentação são: os usos do futuro do pretérito; da expressão latina *apud*; e da abreviatura Cf. (CONFIRA). O futuro do pretérito é atribuído a partir das expectativas dos efeitos de sentido que se possam gerar, como a ideia de possibilidade, algo incerto ou mesmo algum desejo de fazer, no processo de construção de uma pesquisa. Já a expressão latina *apud*, mais do que representar a referência a uma citação de citação, pode funcionar como um recurso argumentativo que pode demonstrar mais ou menos destreza e conhecimento do escrevente frente à bibliografia de determinado campo de conhecimento. A abreviatura Cf., além de remeter a leituras que o autor tenha feito e que condigam com o lugar que este ocupa discursivamente, pode ter como efeito de sentido reconhecer se o autor tem ou não condições efetivas de estabelecer diálogo com outros pesquisadores da área.

É possível perceber que os interdiscursos implicados na escrita de um trabalho científico são mobilizados muito mais em favor de um processo argumentativo do que de um cumprimento de regras prescritivas e formais na composição da escrita. Sendo assim, esses recursos linguísticos empenhados no processo de escrita estão ligados mais ao conteúdo do que à forma. Dessa maneira, Rodrigues nos convida a entender a escrita como etapa imprescindível do desenvolvimento de uma pesquisa, já que esta só é possível concomitantemente ao processo de escrita.

Ao encerrarmos a leitura do capítulo, compreendemos que todos os fenômenos linguísticos componentes do processo de escrita, que nasce na esfera acadêmica, são mobilizados a partir das intenções argumentativas de quem escreve. Dessa forma, não dá para dissociar os fatos linguísticos, como a ilustração e a reformulação, e os usos do futuro do pretérito, da expressão latina *apud* e da abreviatura Cf. de uma argumentação que perpassa, de acordo com a autora, todas as etapas de composição do texto.

O capítulo ulterior, “O funcionamento da citação”, contém a concepção de linguagem dialógica adotada pela pesquisadora. Essa concepção vai ao encontro da compreensão da língua como manifestação heterogênea e, conseqüentemente, de discurso como fenômeno heterogêneo. Essa noção de heterogeneidade discursiva, ampliada para o âmbito das produções acadêmicas, pode ser flagrado no uso do “discurso relatado” – DR (ROSIER, 1999), por meio de representações linguísticas e tipográficas. De maneira ainda mais precisa, a concepção de linguagem dialógica influi diretamente na origem do conceito *bakhtiniano* “discurso de outrem”, caro a Rodrigues (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004).

Adiante, a pesquisadora propõe trabalhar com a noção de enunciação primeira e enunciação segunda, extraída de Authier-Revuz (1998). Para Authier-Revuz (1998), nenhuma referência ao discurso do outro é um ato de enunciação independente, já que construímos atos de enunciação que se sobrepõem no processo de escrita. Nesse sentido, nem mesmo o discurso direto é totalmente fiel ao discurso fonte, pois já se encontra a serviço de uma outra enunciação.

Como forma de aprofundar as discussões acerca da referência ao discurso alheio, Rodrigues se debruça sobre os estudos de Boch e Grossman (2002), que separam o processo de referenciação em evocação e discurso relatado – reformulação, ilhota citacional, citação autônoma. Os usos de cada um desses recursos linguísticos se dão de acordo com as funções atribuídas ao dizer do outro que é citado.

Referenciar o discurso de outrem é, no decorrer da escrita de Rodrigues, compreendido como uma estratégia constitutiva do fazer acadêmico-científico. Assim, a referência ao discurso alheio visa à construção da pesquisa em si, e não a uma questão de não cometer plágio, atribuir crédito autoral ou, exclusivamente, expressar conhecimento a partir de um discurso de autoridade. Para tornar mais clara

essa questão, a pesquisadora traz exemplos bem e malsucedidos de referência ao discurso do outro, nos quais o leitor é capaz de identificar possibilidades diversas do trabalho de escrita no âmbito da academia.

Torna-se evidente, ao efetuarmos a leitura do capítulo intitulado “O funcionamento da citação”, que a compreensão da linguagem como dialógica permite entender a atividade de escrita de pesquisa a partir do estabelecimento de diálogos com os mais diversos autores de forma coerente e autoral. Isso acontece pelo fato de, nessa perspectiva, a citação ser vista como um recurso linguístico em favor do processo discursivo-argumentativo constitutivo da escrita acadêmica. Assim, mais do que se adequar a um formato preestabelecido formalmente, referenciar o discurso do outro é condição *sine qua non* da composição do texto científico, que é, por natureza, persuasivo e argumentativo.

O capítulo seguinte, “Posicionamentos autorais”, é introduzido a partir do estabelecimento de um objetivo traçado pela autora: “tratar do uso das pessoas do discurso como uma das marcas da presença do autor no texto”. Para isso, ela nos lembra que, a partir de uma perspectiva de linguagem como dialógica, o signo linguístico nunca é neutro, pelo contrário, ele é ideológico. Por esse motivo, não será o uso de determinada pessoa do discurso que marcará a objetividade ou a subjetividade de uma escrita. A objetividade passa a ser, então, defendida em termos de efeito de sentido, e não mais como marca, inerente ao texto científico, de explícita neutralidade e impessoalidade do discurso.

Rodrigues, a partir da categorização de Fløttum e Vold (2015), distingue os valores das pessoas do discurso por meio da atribuição de diversos sentidos do uso do “nós” no processo de escrita, sendo eles: a) nós = eu; b) nós = eu + vocês (leitores); c) nós = eu + vocês (comunidade de pesquisa pertinente); d) nós = eu + todo mundo. Tal classificação permite demonstrar que por mais que o uso da pessoa do discurso se mantenha o mesmo em todo o texto e o menos pessoal possível, com o uso de voz passiva e primeira pessoa do plural, ainda é factível flagrar movimentos autorais utilizados na composição do texto.

A partir de postulações dos autores referidos, Rodrigues disserta acerca dos papéis comunicativos que os autores podem assumir no desenvolvimento de uma atividade de escrita, sendo estes: escrevente; pesquisador; e argumentador. Cada um desses papéis produz efeitos de sentido e marca lugares discursivos diferentes. O de escrevente diz respeito ao processo de redação do texto propriamente dito. O de pesquisador traduz o processo de pesquisa desse sujeito. E o de argumentador deixa evidente a tomada de posição do escrevente em relação ao que é desenvolvido durante a escrita.

A autora propõe, ainda, a quebra do tabu de não poderem coexistir as três formas de pessoa do discurso – primeira pessoa do singular e do plural e terceira pessoa do singular – no processo de construção da escrita em contexto acadêmico-científico. Defendendo, por meio de exemplos, que essas três pessoas do discurso conseguem conviver de forma pacífica dentro de um mesmo texto, demonstra ser preciso, para isso, que o autor apenas tenha claros quais efeitos retóricos quer atingir de acordo com cada uso.

Por último, a pesquisadora, utilizando como referência Bronckart (1999), explicita o fato de as modalizações serem fenômenos discursivos que marcam posicionamentos autorais, já que elas podem indicar grau de certeza, retratar valores e opiniões do mundo social, marcar posição subjetiva de quem enuncia e indicar aspectos de responsabilidade de um grupo, instituição ou personagem em relação a suas próprias ações.

Frente ao exposto, no capítulo “Posicionamentos autorais”, Rodrigues deixa explícito que os movimentos de tomada de posição em um texto são expressos por meio de diversos fenômenos linguísticos implicados na atividade de escrita. Nesse sentido, os diversos usos das pessoas do discurso e as modalizações estão relacionadas a posicionamentos autorais construídos por quem escreve.

No último capítulo, “Exercícios de aplicação”, Rodrigues possibilita que o leitor tente identificar, nos excertos de trabalhos acadêmicos, estratégias argumentativas que compõem o texto acadêmico-científico. Ao colocar à disposição do público esses diversos excertos destacados de textos científicos,

a autora permite que seus leitores se percebam como capazes de identificar algumas estratégias argumentativas utilizadas na construção do trabalho e seus possíveis efeitos de sentido. O uso dos exemplos também corrobora o processo de compreensão dos argumentos defendidos pela pesquisadora.

Conforme dito no decorrer dos comentários traçados, o livro **Escrita de pesquisa e para a pesquisa**, de Daniella Lopes Dias Ignácio Rodrigues, suscita discussões centrais sobre o processo de construção de uma escrita de pesquisa. A autora, por meio de uma escrita de fácil acesso, permite que ingressemos nos meandros do processo de composição do texto científico, sem a taxatividade dos manuais de escrita, mas com reflexões que se fazem urgentes. Nesse sentido, a obra é bem-vinda para pesquisadores, estudantes, professores e interessados no tema.